

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Outubro de 1909

Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1108

A Catastrofe do Dirigível «République»



Marchal Vincenot Chauré Reau
OS TRIPULANTES DO «RÉPUBLIQUE»

A QUEDA DO «RÉPUBLIQUE»
JUNTO AO PARQUE DO CASTELO DE AVRILLY

(Conforme desenhos publicados pela «Illustration»)

CHRONICA OCCIDENTAL

E' persuasão de muita gente que Portugal se poderá tornar mundanamente o centro de um grande movimento de estrangeiros, em competencia com as outras estações já consagradas pela moda e pela riqueza.

Os que d'isto estão persuadidos enganam-se muito. A Europa tem os seus meios adequados pela natureza e preparados pela arte e pela industria especulativa em França, na Italia, na Belgica, na Suissa, em Monaco, e a concorrência que seria necessario fazer-lhes não é compativel com a nossa situação geografica. Todavia, é certo que, como primeiro caes de desembarque da America, podemos atraír uma consideravel população fluctuante, a qual se junte á que constantemente circula por todo o continente europeu, movimentada pela grata agitação das viagens.

Ainda ha pouco, no nosso Parlamento, ao ser apresentado um projecto de lei melhorando a situação financeira dos municipios de Cintra e Cascaes, se dizia no relatório d'esse projecto como Lisboa oferece, á entrada da Europa pelo mar, o aspéto de uma cidade privilegiadamente linda: formosa pela natureza, curiosa pela sua disposição reclinada em sete colinas, famosa pelo seu clima, encantadora pelo seu rio. E acentuava-se como, sobretudo pelas suas cercanias e arrabaldes, Lisboa é incomparavel entre todas as grandes cidades europeas, sobressaindo em panorama de frescas almoinhas e pomares a scenografica Cintra, e por longa vista de manso rio e de revoltoso mar a villa de Cascaes, que se completam, e que só a inercia nacional — palavras tambem do relatório a que se refere a chronica — conserva separadas, sem os meios, ainda os mais elementares, de viação directa e regular.

Dos incomparaveis suburbios que completam a belleza da primeira cidade portugueza, é sobretudo notavel Cintra, alcandorada pitorescamente num macisso de rochas, fantastica povoação cantada pelo poeta immortal do *Child Harold*. E' o retiro dos poetas, dos sonhadores, das almas enamoradas. Parece que a primavera, querendo realizar algum dia o sonho de uma orgia perene de matizes infinitamente variaveis, de doces murmurios, de criações fagueiras, tudo quanto possesse dar a suprema harmonia de um conjunto unico das mais bellas coisas da natureza — flores, arvores, passaros, brisas, cascatas — creou este novo eden, no dizer de Byron

Lo! Cintra's glorious Eden...

A' proporção que subimos a serra de Cintra, que tanto lembra montanhas da Suissa, alarga-se immensamente o horizonte, o mar desdobra-se num longo fundo. Mas quando, bem do alto, o mar se avista em toda a amplitude, já não ha recordação da Suissa que perdure, tanto lhe excede em surpresas o que aos nossos olhos se mostra. E ha um momento em que já não sabemos dizer se nos deliciamos num sonho, se a ventura nos guiou á presença d'uma tal realidade!

Para baixo, nos vales, aglomeram-se as matas quasi impenetraveis dos sobreiros, dos pinheiros frondosos, dos olmos gigantescos; e do meio dos cêrros de verdura irrompem as povoações alvejanas, salpicadas do vermelho vivo dos telhados, como manchas de sangue de papoulas alastrando em tufo de malmequeres...

Para cima, mais para cima, nos pincaros, recorta as ameias seculares no azul eterno do céu o castelo dos Mouros, e, proximo d'elle, se levanta o palacio da Pena com seus dedalos de abobadas, pontes levadiças, torres, torreões, capelas e claustros.

Na falda da realenga Pena entestam seus muros as quintas fidalgas, acumulam-se os palacetes, as villas, os chalets, rodeados de parques e jardins.

Quem descê o Tejo, pela margem do norte onde está Lisboa, e segue desde a praia de Pedrouços até Cascaes, tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas visinhanças da capital.

De fins de agosto até principios de novembro é que toda a gente ali accorre, e que os banhos do mar augmentam de uma variagada, alegre multidão aquellas povoações. Não ha palavras que digam todas as belezas de tal passeio, d'aquelle céu, d'aquella luz, d'aquellas aguas.

A' esquerda o Tejo, os navios que, ao largo, entram e saem, as frótas de barcos pescarejos, a areia alva junto á beira d'agua, e, logo pegada á salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a ornem e em que se pasce o guloso gado. Perto, os saveiros que chegam á terra e cuja companhia puxa ao longo da praia pela rede que arrasta os

inumeraveis cardumes de peixes que já saltam na areia.

A' direita, nas eminencias, as ruinas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. A primavera tudo encastôa na verdura viciosa e florida. O trigo verde e brando ondeia com a viração. Arvores grandes e bellas destacam-se em macissos ao longo dos caminhos. Ha recantos, como Linja-a-Pastora por exemplo, que são delicias: uma ou outra minuscula aldeia com suas ruínas em socacos, seu presbiterio ornado de alguns ramalhetes de faias, e, resaindo das grandes massas de basalto negro, parreiras, jardinsitos quasi pensis, e uma graça, uma simplicidade, um sabor de campo, um resalbo de sal do mar, como não se podia imaginar tão perto de uma grande capital.

Comboios rapidos nos levam, através de tanto encanto, e nunca se afastando da doce beira do rio, ao extremo d'essa linha, que as praias do Estoril e de Cascaes rematam. Sob o céu radioso um vasto mar ondula, bate os pedregulhos negros da costa e inunda os de espuma. Na atmosfera fresca, picante de sal, palpita o perfume das algas. Ao longe negreja uma extensa linha, como a de um formigueiro, de pequenos barcos á pesca. A areia das praias reluz polvilhada de sol. Penetramos a luminosa alegria do ar, em que parece andar diluida uma poeira aquatica, diafana, de perolas liquidas douradas pela luz. Aqui e além, o paredão de um quebra-mar, destinado a fazer na costa algum pequenino porto de abrigo para as lanchas e catraias. E por ahí fóra se recortam, sobressaindo das aguas da maré cheia, pontas de rocha negra e aspera, como enormes flores graníticas.

A' beira da estrada que o caminho de ferro sulca, as edificações destacam-se pitorescamente do fundo verde negro dos pinhaes.

Proseguindo até á Bôca do Inferno, o encanto do passeio é já então inexprimivel. As aguas do mar tingem-se de um azul de claras safiras. O poente é côr de laranja e côr de violeta.

Nas ondas do céu e na terra, tudo adquire uma suavidade de aquarela. A cada passo desdobra a estrada as scenografias mais surpreendentes. Para a esquerda a vastissima toalha das aguas, que se agita e tremeluz até aos confins do horizonte; as serras da Arrabida e de Palmela desenhadas no céu claro; o areal de Espichel scintilando de espumas e as gaivotas brancas descrevendo no ar os seus vôos simetricos e lentos. Para a direita a molle granítica de Cintra, caminhando para o Cabo da Roca, guindando ás nuvens as suas architecturas fantasticas de penedia, com a renda das ameias do castello dos Mouros, as cupulas e as torres da Pena...

Sabe-se como a região de Cascaes de setembro a fevereiro e a de Cintra de março a agosto completam um anno ideal para ser gosado pelos felizes da fortuna. Ainda ha pouco foi publicada pela Academia Real das Sciencias uma notabilissima memoria do sabio Delagado sobre o clima de toda a região que vae desde Caxias até Cascaes, e é já um facto reconhecido e registado com evidencia no mais considerado jornalismo medico do estrangeiro, a temperatura excepcional que ali fóra se disfructa, no periodo que compreende as estações do inverno e outomno.

Os dois deputados, a que a chronica já alludiu, dizem no relatório da sua proposta que, em taes condições, Cintra e Cascaes pódem e devem, nas suas respectivas épocas, prender uma multidão consideravel em volta da capital do reino; multidão que depois, consequentemente, a completará a visita do país, irradiaria pela Serra da Estrella, por Coimbra, Bussaco, Porto, Braga, Batalha, Alcobaca, Leiria, Bom Jesus, Vianna, Santa Luzia, Setubal, Arrabida, Evora e Algarve. E perguntavam: onde é que Londres, onde é que Paris, Roma, Bruxellas, Madrid possuem, ás suas portas e a pouco mais de meia hora de jornada, e em competencia com Cintra no verão e na primavera e com Caxias, Oeiras, Parede, Estoril e Cascaes durante o inverno e o outomno?

Tudo isto é assim, tudo isto é verdade, tudo isto é exacto.

Acontece, porém, que o estrangeiro habituado ao viajar não se contenta, está sempre até muito longe de se contentar com os prazeres da natureza. Elle quer, antes de mais nada, as suas comodidades; quer depois que ás bellezas do espectáculo da natureza para que o convidam, se juntem os encantos da arte, completando-as. Um pouco de arte architectonica, um pouco de arte decorativa são coisas que valorisam grandemente, aos olhos do touriste, a paisagem ainda a mais decantada. Quer, finalmente, que o divirtam, e que para isso lhe proporcionem os casinos, os theatros, as salas de concerto, os jogos do sport,

e — porque não o dixer? — os jogos do azar. Mas casinos, theatros, concertos, regatas, corridas e roletas, em grande, em bom, em superfino. Se não, não.

Muito propositadamente não quer a chronica bolir com a questão dos hotéis — para não desautorisar a Sociedade Propaganda de Portugal, a quem esta questão está affecta. Como se sabe, a Propaganda de Portugal é que decide hoje dos hotéis que prestam e dos que não prestam para nada, e não ha mais apelação. Se ella lhes prega com a chapa de *recomendado*, a quem lá cair como hospede não assiste o direito nem de se coçar, ainda que as pulgas, os percevejos, e outros insectos não concavos (com licença do sr. Mendonça e Costa) o mordam até á alma.

Aquelles que põem sempre maldade ainda nas mais puras intenções, hão-de querer supôr que a chronica tem vindo a fazer todos estes rodeios para chegar á conclusão de que a Semana do Outomno, agora inaugurada em Cascaes, deixou muito a desejar. Pois enganam-se redondamente os malevolos. A chronica felicita vivamente os iniciadores e organisadores d'essas festas pelo exito que ellas tiveram. Tudo n'este mundo tem que ter um principio, e a chronica regosija se com vêr que a Semana do Outomno já teve tambem o seu.

JOÃO PRUDÊNCIO.



A catastrophe do dirigível «Republique»

O formidavel aerostato *Republique*, que constituia uma das maiores conquistas da ciencia aerostatica da França, e em que ella firmava suas melhores esperanças, como maquina de guerra cujas vantagens são faceis de prever numa campanha, acaba de ser aniquillada.

Uma simples pá da helice, principal instrumento de força e movimento do aerostato, deslocando-se do seu eixo, e incidindo sobre o involucro do aerostato, rompeu-o e esvaziou-o instantaneamente, precipitando-se sobre o solo a magnifica maquina aerea, com os quatro tripulantes capitão Marchal, ajudante Vincenot, tenente Chauré e ajudante Réau.

Havia umas tres semanas que o *Republique* fazendo ensaios entre Paris e La Palice havia sofrido algumas avarias no pano, roçando pela terra, as quaes custaram bastante a reparar.

Depois haviam-se feito com o *Republique* algumas experiencias, pela primeira vez, de reconhecimentos militares aereos, que deram magnifico resultado, provando-se que o dirigível estava perfeitamente á altura da sua missão, permitindo relativas garantias de confiança, observadas certas precauções tecnicas.

Esta magnifica maquina produzida pela ciencia moderna, na sua engenhosa construção, representa o estudo aturado de dez annos. Desgraçadamente uma simples ruptura produzida pela helice, a destruiu completamente e com ella se perderam quatro vidas preciosas de arrojados aeronautas.

No dia 25 de setembro, depois de alguns ensaios e aguardando tempo favoravel, o *Republique* elevou-se aos ares, pelas 7 horas da manhã, no parque de Chalais-Mendon, levando a dirigil-o o capitão Marchal, o tenente Chauré e seus dois ajudantes Réau e Vincenot, compondo a tripulação do grande aerostato.

Dois automoveis militares seguiam-no e outro com *reporters do Matin*, desde Chalais, no intuito de tomar nota e fotografar todo e qualquer incidente da viagem.

As 8 horas e 30 minutos o *Republique* tinha percorrido uns 35 a 40 kilometros, passando sobre Moulins. Mais 8 kilometros percorridos e dá-se a catastrophe!

Este inesperado e terrivel accidente é assim descrito por M. Robert Guerin da imprensa franceza, que acompanhado do fotografo Mr. Mathieu, foram os unicos que a ella immediatamente assistiram, chegando no automovel ao mesmo tempo que a formidavel maquina cabia na estrada.

O *Republique* passou por sobre a propriedade do conde de Chabannes La Palice, a Avrilly, quando de repente deu uma volta da direita sobre a esquerda, num movimento brusco. Poucos segundos passados viu-se qualquer coisa saltar da barquinha, brilhar ao sol e prender-se ao involucro. Uma das pás da helice direita destacou-se do seu logar e como uma navalha golpeou o balão abrindo uma fenda que rapidamente, a

força do gaz, mais rasgou e por onde este logo sahi.

Num momento a grande maquina se despenhou da altura, sobre a terra.

Mr. Robert Guérin conta, que se encontrava no automovel a 300 metros de distancia onde o *Republique* cahiu. Não se descreve a impressão de momento ao vêr a queda fantastica da barquinha presa ao envólucro esvasiado e mole do balão, um monte quasi informe de todo o aparelho, servindo, acaso, de mortalha aos infelizes aeronautas, o pano esfarrapado do *Republique*.

Era um espectáculo horrivel e unico!

Parece que os tripulantes, em vista da morte eminente, tentaram saltar da barquinha, quem sabe se na esperança de se poderem agarrar a alguma cousa. Quem sabe!

Sem demora, de um posto militar de sapadores, acodem estes e começam a cortar as cordas para desembarcar a barquinha do envólucro, mas tudo está partido, retorcido, enleado e é difficil separar. Um partido de trabalhadores da propriedade do conde de Chabannes acode tambem na mesma faina.

Ao fim de uma meia hora chegam mais soldados com o tenente Tixier, que por ironia da sorte, acabava de expedir um telegrama para Chalais, comunicando que tudo ia bem.

O *Republique* tinha a capacidade cubica de 3.700 metros e media 61 metros de comprimento por 10^m,80 de diametro maximo, podendo levantar cerca de 4.000 kilos. É facil imaginar o estado dos desgraçados aeronautas ao cahirem na terra esmagados por esta formidavel maquina despenhada da altura de 150 metros.

O capitão Marechal, numa attitude aterradora, apresentava o cranéo fendido; o tenente Chauré tinha uma profunda ferida na arcada superciliar e outra numa virilha; os dois ajudantes com as pernas partidas ficaram esmagados sob o motor e o ajudante Réau tinha além d'isso tambem os queixos partidos.

Os corpos depositados numa dependencia do Castelo de Avrilly, foram em seguida transportados para o hospital militar de Moulins.

No dia seguinte Mr. Briand, presidente do conselho de ministros da republica, veio visitar os cadaveres das pobres victimas do deyer. O general Roques, enviado pelo ministro da guerra, veio colocar no peito do capitão Marechal a cruz de oficial da Legião de Honra e a seus companheiros a cruz de cavaleiro.

Depois das primeiras encomendações feitas em Moulins, celebraram-se solennes exequias em Versailles, a que assistiram os membros do governo, corpo diplomatico, armada, exercito, etc., com extraordinario concurso de povo, que acompanhou e viu desfilar o cortejo funebre, num recolhimento impressionante.

A terrivel catastrophe emocionou toda a França, como todo o mundo civilizado lamenta o sacrificio das victimas da ciencia, que assim expõem a vida pelos seus progressos.

Sua Magestade El Rei D. Manuel enviou sentimentos ao Presidente Fallieis pelo desastre que feriu a nação franceza.

um com a exactidão e economia indispensavel na legitima arrecadação e distribuição dos fundos do Estado.

Tal é o governo de que precisamos: e fiado em que V. M. querera, sem contradicção, a Joptal-o, julguei, que para ser legitimo e produzir os bens indicados, só póde, e deve ser o seguinte.

A representação soberana será exercida interinamente, até á congregação das côrtes, por um regente do reino, ou por um conselho de regencia (se parecer mais conveniente) composto de tres, ou cinco pessoas, conforme a lei 3. Tit. 15. Partida 2. 3, que tenham indispensavelmente as qualidades, e circunstancias que na mesma se declaram. Como presentemente não é possivel congregar as côrtes com a celeridade que exige a salvação da patria, nomeará, sem perda de tempo, a Suprema Junta Central, o regente, ou o Conselho de Regencia, visto que este corpo está supprindo legitima, ou illegitimamente a representação das côrtes, sem que sirva de obstaculo a falta de poderes especiaes para este fim, assim como não obstou para outras deliberações que as exigiam: e seria uma prova de generosidade e patriotismo mui recommendavel não comprehender no novo governo membro algum do actual, se fóra dos da Junta se encontrassem sujeitos mais aptos por suas virtudes, religião, instrução, conhecimentos, e saude e robustez, para desempenhar tão delicado emprego.

Considerando-se a Suprema Junta Central representando as côrtes para a eleição do regente, ou conselho de regencia, deverá fazel-a com as condições seguintes, que se poderão declarar como constituição interina, até que tenha effeito a nova de que se está tratando:

1.º Jurará defender a nação, salvar-a inteiramente dos inimigos, e entregar o reino ao nosso amado soberano, o Senhor D. Fernando 7.º, logo que fór restituído á Hespanha, e na sua falta a seus legitimos successores: cumprindo com estes sagrados deveres, até derramar a última gotta de sangue.

2.º Conservará a integridade dos vastos dominios da Hespanha e America, que formam a nação hespanhola, sem poder alienar parte alguma dos vassallos, ou do territorio.

3.º Será supremo executor das leis, e o interprete das suas decisões, quando se duvidar da intelligencia, sentido, ou applicação d'ella, e fór consultado: porém as suas resoluções terão a auctoridade de sentença irrevogavel na materia, ou assumpto comprehendido.

4.º Não poderá depôr por auctoridade propria os empregados publicos, de qualquer classe que forem, sem processo dos tribunaes competentes, em que serão julgados segundo o rigor das leis. Terá porém a faculdade de conceder jubilações, ou demissões, que lhe parecerem justas, aos ministros do Estado, e a outros, que por conhecidas enfermidades não puderem desempenhar as obrigações dos seus respectivos empregos.

(Continúa)

No polo norte

O Imperio do frio

Ter-se-ha conquistado o polo? A estas horas, dois homens disputam entre si a primazia do descobrimento.

Nenhum d'elles é um desconhecido. O doutor Cook tem já illustrado o seu nome, com algumas obras de ciencia. Peary é o conhecido explorador artigo de 1888 e 1895.

O polo! Como este ponto tem dado que fazer aos viajantes! A ambição do homem em presenciar uma região desconhecida, é a causa principal da lucta tenás entre Cook e Peary. Opiniões de peso favorecem ambos. Cook descreve as peripécias de sua viagem nos jornaes, com detalhes minuciosos. Peary parece querer conservar-se na espétativa, o que indica ser o primeiro mais apressado na conquista da gloria, mas não é razão para supôr que o segundo não tem direito a ella.

Ha muita logica na narrativa de Cook, e o duque dos Abruzzos opina ser a via indicada por este, a mais favoravel para chegar ao polo, segundo o plano que, em 1900, o capitão Sverdrup traçou, no relate de sua ultima viagem. Peary parece ter seguido, em parte, o mesmo caminho que Cook, afastando-se um pouco, a partir do paralelo 86°. Como este se abstem de publicar o

seu diario, não é possivel a confrontação das narrativas.

Desde o seculo XVI, que se tenta a descoberta do polo. Eis um resumo dos principaes exploradores árticos desde essa data:

- 1516-17 — Sebastião Cabot tenta a passagem do noroeste.
- 1553 — Willoughby tenta a passagem do nordeste, perecendo na costa da Lapónia russa.
- 1585 — Davis encontra o estreito do seu nome.
- 1595 — Parents descobre o Spitzberg.
- 1607-10 — Hudson visita a costa oriental da Groelandia e Spitzberg.
- 1616 — Baffin descobre os estreitos de Smith e Lancaster.
- 1728 — Behring descobre o mar que tem seu nome, e as costas do Alaska.
- 1778-79 — Cook passa o mar de Behring.
- 1806-22 — Scoresby faz notaveis expedições á Groelandia.
- 1818-33 — John Ross explora a bahia de Melville.
- 1819-27 — Parry descobre o arquipelago do seu nome, o estreito de Forý e Heckla e atinge 82° 4 de latitude N.
- 1819-45 — Franklin explora as costas setentrionaes da America.
- 1821-23 — Wrangel explora a costa siberiana.
- 1821-23 — Anjou navega em torno das ilhas da Nova Siberia.
- 1849 — James Ross bate o record das explorações árticas, até á data.
- 1850-53 — Mac Cure descobre a passagem do Noroeste pelo estreito de Banks.
- 1850 — Colliston explora as costas das terras de Wollaston, Victoria e Principe Alberto.
- 1851 — Kennedy avança mais um passo do que os seus antecessores, comandando a expedição enviada por Lady Franklin.
- 1852 — Belcher foi o primeiro a atingir a extremidade setentrional do arquipelago Parry.
- 1852 — Kellett revela-nos a orografia da costa oeste das ilhas Melville.
- 1853 — Kane penetra no estreito de Smith.
- 1857-59 — Mac Clintock descobre os restos da expedição Franklin.
- 1860 — Hayes procura o mar livre do polo, pelo estreito de Smith.
- 1869-70 — Koldevey avança além do conhecido.
- 1871-72 — Hall, que succumbiu a meio da viagem.
- 1872-73 — Weyprecht e Payer descobrem a terra de Francisco José.
- 1875-76 — Nares atinge 83° 2 Lat. N.
- 1878-79 — Nordenskjöld abre a passagem do nordeste.
- 1882-84 — Greely que tentou chegar ao polo, pelo estreito de Smith.
- 1882-86 — Peary (o mesmo a que nos referimos neste artigo) prolongou as descobertas de Lockwood para este.
- 1888-96 — Nansen atinge 86° 13 Lat. N.
- 1900 — Cagni chega a 86° 33.
- 1903 — Sverdrup indica uma passagem pelo estreito de Smith que lhe parece o melhor caminho para chegar ao polo.
- 1904 — O duque dos Abruzzos chega a 86° 5 Lat. N.
- 1904 — Amudsen franqueia a passagem do noroeste.
- 1909 — Descoberta do polo (?).

O que é a vida no polo?

Emquanto no equador, o clima é torrido, pelo contrario, nos polos dominam os grandes frios. Do equador aos polos, ha, portanto, abaixamento sensivel e gradual na temperatura.

Lisboa, situada em um clima temperado, quasi desconhece as temperaturas abaixo do zero. Paris supórta já no inverno 15° negativos, e, em 1872, o thermometro desceu a - 21° 5. Em S. Petersburgo é rara, no inverno, a temperatura não descer a - 35°. Nos paes glaciaes, Nordenskjöld registou - 47° 7; Nansen - 49°; Martin, na Sibéria - 63°; Franklin - 71, e Cook, segundo o seu diario, em 1909 - 84°.

A vida dos organismos terrestres, assim como toda a vida do planeta, está submetida aos conflitos do calor e do frio. Nos paes equatoriaes, vivem, em geral, os homens indolentes. A maneira que nos elevamos para os polos, os costumes equilibram-se mais, e a intelligencia do homem é mais desenvolvida, havendo, no entanto,

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Marquez de La Romana

(Continuado do numero 1107)

A patria necessita de um governo cheio de energia, facil nas suas profundas deliberações, activo na execução, soberano nas idéas, magestoso nas acções, justo nas providencias, exemplar na conducta, severo no castigo, e frugal sem indecencia, e com decro. A nação terá com um tal governo exercitos invenciveis: os exercitos terão generaes: as tropas officiaes: e os soldados bem subordinados e disciplina. Os povos gosarão do bem incalculavel de verem restituída aos tribunaes e magistrados a auctoridade legitima; os arbitrios desterrados: a justiça ligada pelos vinculos indissoluveis da lei: a innocencia protegida: e aviltados com as mais baixas penas os costumes do seculo infeliz, que extinguiu nossas virtudes, premiou a incapacidade, favoreceu a ignorancia, enobreceu a intriga, e honrou o egoismo como verdadeira Deidade. A real Fazenda, ramo tão precioso para a vida politica dos povos, que passou de uma arrecadação pura e fiel a ser o patrimonio da fraude, e o premio do vicio, não sómente ficará livre d'este mau regimen, mas terá

NO POLO NORTE



DR. FREDERICO COOK



NANSEN



ROBERTO E. PEARY

diferenças acentuadas entre o homem do país brumoso, e o homem de um país onde o sol predomina. Homens, animais, plantas, tudo se adapta ao país onde vive, e é hoje por todos sabido que os animais importados para longe do seu país natal, se modificam.

Nas regiões quentes, há milhares de animais de cores espantosas, especialmente em aves. Para o norte, o pêlo é, em geral, cinzento ou branco, como nas proximidades dos polos. As espécies animais e vegetais vão rareando à ma-

neira que nos elevamos em latitude, tornando-se quasi nulas a cerca de 90° de latitude.

Alguns animais fogem do frio, como as andorinhas, outros, como as renas da Lapônia, procuram no.

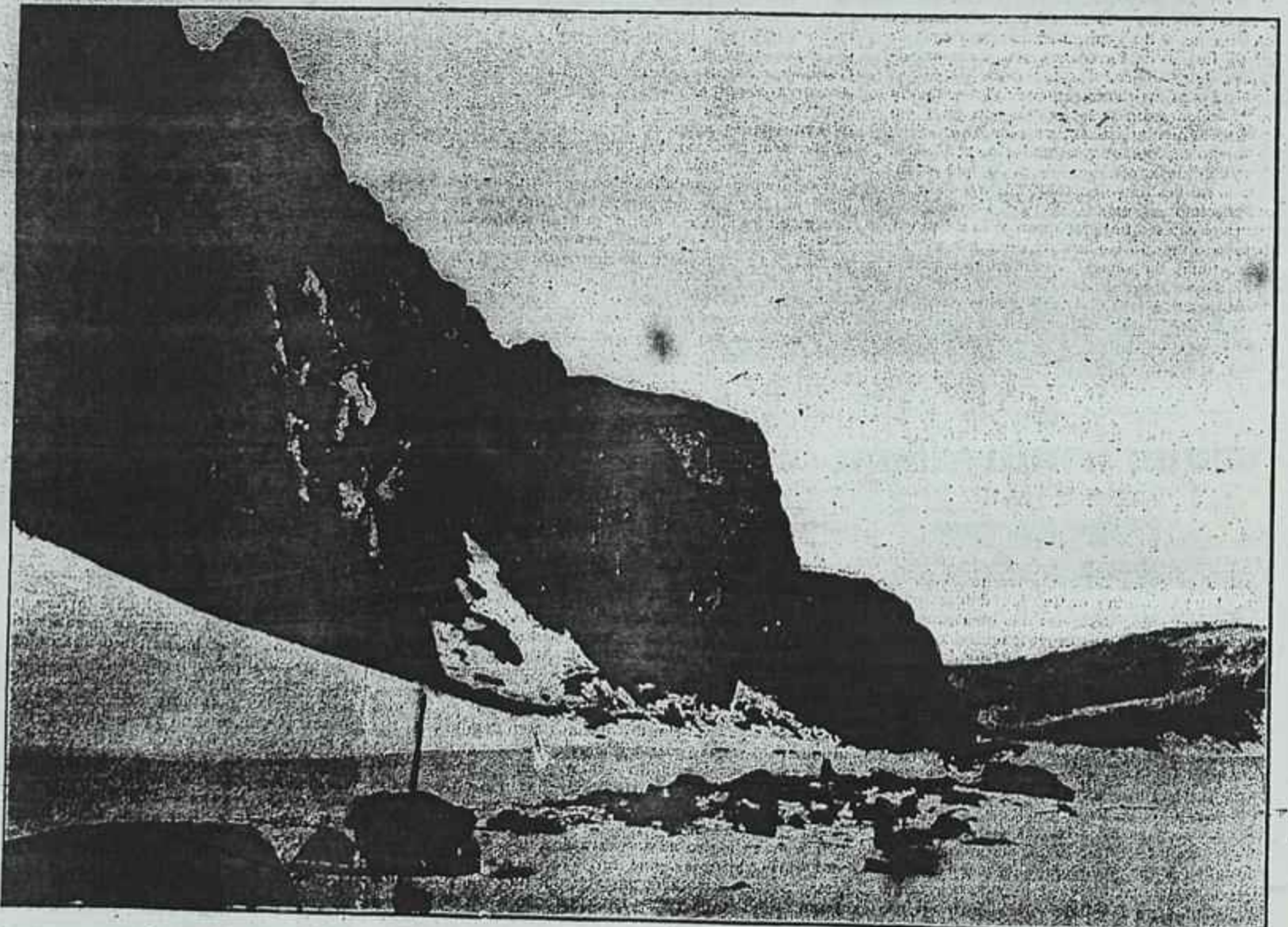
A resistencia ao frio ou ao calor, é variavel com a especie. Quanto ao homem, pôde suportar do equador ao polo, variações de temperatura su-

periores a 130°. Quando o tempo é calmoso, sofre frios violentos a que a menor brisa poderia ser funesta.

As condições de vida fisica diminuem, pois sucessivamente, a partir das zonas temperadas, á maneira que nos aproximamos das regiões glaciaes.

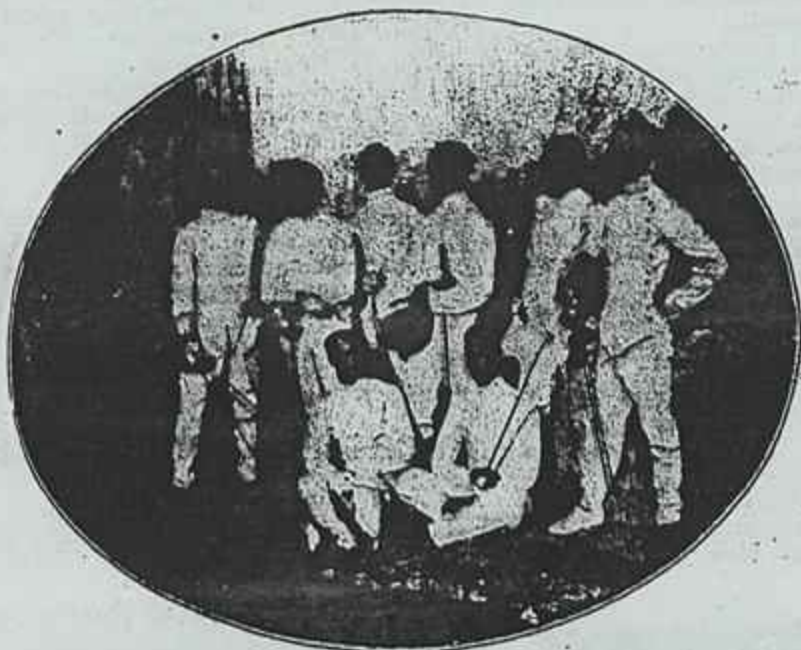
É essa região, sem vida e sem sol, a causa de tanta vitima que tem tido a fantasia de a querer contemplar.

ANTONIO A. O. MACHADO.



UMA PAISAGEM DO POLO NORTE
(De fotografia)

Diversões de Desporto, em Cascaes



Em pé: Alexandre Paredes, Basto Correia, Frederico Paredes, C. Castello Branco, Penha e Costa e Mario Noronha
Sentados: Victor Sasseti e dr. Manuel Espregueira

GRUPO DE ESGRIMISTAS QUE DISPUTARAM A TAÇA MONT'ESTORIL.

partida, depois de terem calçado e atacado devidamente as botas. Foi das provas mais divertidas e de novidade.

Dos dezete concorrentes que n'ella entraram ganhou o sr. Clemente Pedroso.

Salto em altura. — Dos nove concorrentes ficaram apurados: em primeiro lugar o sr. Nobre Guedes, com 1^m,45, e em segundo o sr. Joaquim Silveira, com 1^m,40.

Corrida de saccos. — Nesta prova de destreza e ao mesmo tempo de hilariantes episodios comicos, inscreveram-se dezoito concorrentes, chegando em primeiro lugar o sr. Rey Mendes.

Salto á vara. — Foi uma das mais importantes provas do programa. Disputaram-na sete concorrentes. Classificou-se em primeiro lugar o sr. Jorge Ferro, com 2^m,20, e em segundo lugar o sr. Duarte Bello, com 2^m,15.

Corrida de tres pernas. — Foi ganha pelos srs. Nobre Guedes e José Palma.

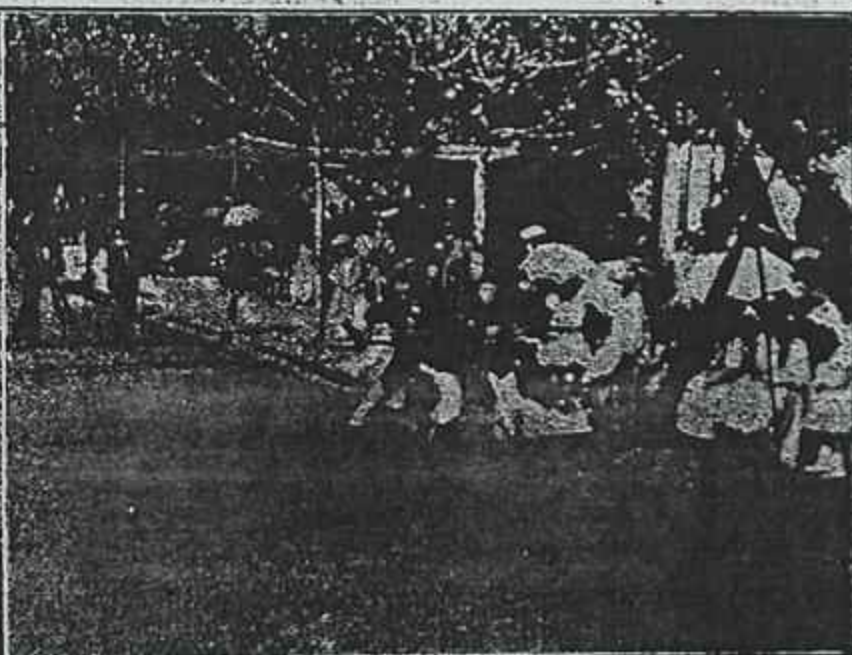
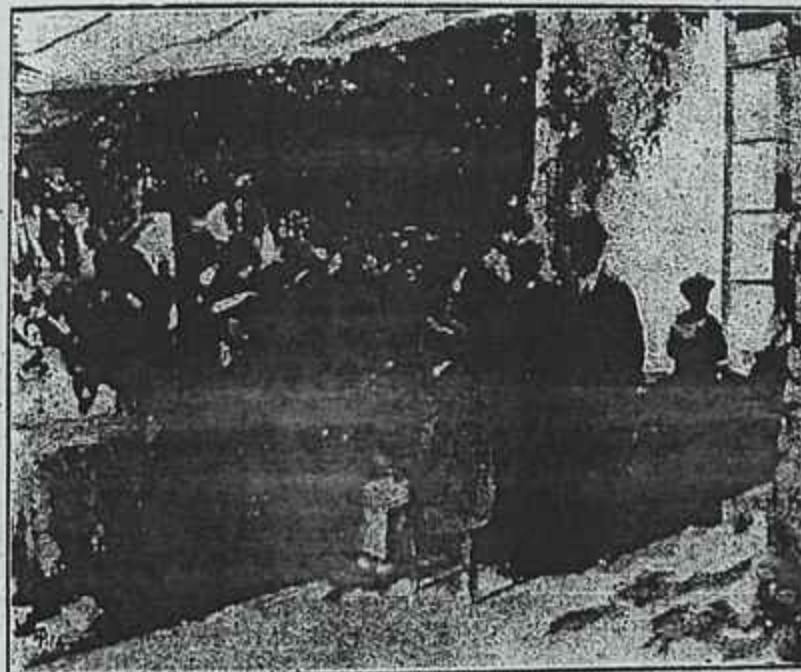
Bicicletas, negativas. — Foi ganha com luzimento pelo sr. Francisco Kruss sobre mais dezeseis concorrentes.

Luta de tração. — O grupo de Caxias venceu o de Cascaes, devido á sua grande superioridade.

Pedestre, resistencia. — Onze concorrentes. Chegou em primeiro lugar o sr. Joaquim Silveira, e em segundo lugar o sr. Albino da Silva.

Cabra-cega. — Esta prova estava annunciada para ser disputada entre senhoras, mas realisou-se por meninas de tenra idade que a tornaram uma diversão muito engraçada, ganhando o primeiro premio a menina Maria da Conceição da Fonseca Santos, e o segundo a menina Maria Carolina Palma.

Pedestre, meninos. — Foi uma prova extra-programa, e muito interessante. Agruparam-se á partida cerca de trinta creanças, dispostas com abonos consoante as edades. Ganhou o menino José Borges Flores.



S. A. O SR. INFANTE D. AFONSO PRESIDINDO AO JURI DAS PROVAS — AS CORRIDAS DE ANDAS

No domingo 26 de setembro, teve lugar no *Sporting Club* de Cascaes, varias diversões de desporto, promovidas por uma comissão composta dos srs. D. Fernando Castello Branco (Pombreiro), Alberto Deslandes, D. Raul da Camara Leme e Alberto Lamarão, em beneficio do cofre do Real Instituto de Socorros a Naufragos, diversões a que assistiu S. A. o sr. Infante D. Afonso, que presidiu tambem ao juri, de que faziam parte os srs. Guilherme Ferreira Pinto Bastos, Tavares Portugal, José Candido Andrade, Joaquim Leote, Costa Campos, Ponte e Abreu, João Bregaro, Costa Pereira, Carlos Lamarão, João Pereira, Henrique Seixas, Pedro Franco, Henrique Rollin e D. Carlos da Camara Leme.

O programa compunha-se dos seguintes numeros, constituindo provas desportivas, tendo todas concorrentes:

Corridas do bicicletos, velocidade. — Tomaram parte dez concorrentes das colonias balneares de Cascaes, Caxias, Carcavellos e Estoril. Foi vencedor o sr. Francisco de Castro e em segundo lugar o sr. Francisco Kruss.

Lançamento de peso. — Inscreveram-se onze concorrentes e foram classificados em primeiro lugar o sr. José Palma, que atingiu 7^m,87, e em segundo o sr. Joaquim Bahia que atingiu 7^m,18.

Corrida de pucarás. — Tomaram parte dezenove concorrentes, alcançando o primeiro e segundo logares, respectivamente, os srs. Francisco Castro e João Freitas.

Salto em comprimento. — Foram disputados por quatorze concorrentes. Resultado: o sr. José Palma, com 4^m,88 e o sr. Joaquim Silveira, com 4^m,64.

Corrida de andas. — Foi ganha pelo sr. Duarte Bello, e deu lugar aos costumados episodios de gargalhada.

Corrida de botas. — Esta prova consistia em percorrerem os concorrentes a pista, descalços, tendo de voltar ao ponto de



CORRIDAS PEDESTRES E DE BICICLETES — (Instantaneos Alberto Lima)

Torneio de esgrima no parque Viana, do Estoril

No mesmo dia que, em Cascaes, se realizaram as diversões de desporto, a que noutro logar nos referimos, houve no parque Viana, do Estoril, um interessante torneio de esgrima organizado pelo mestre d'armas sr. Carlos Gonçalves e em que tomou parte um distinto grupo de esgrimistas de Lisboa e do Porto, donde veio o sr. Basto Correia, esgrimista de primeira ordem, que naquella cidade tem sido um entusiasta propagandista dos jogos de armas.

O torneio que era para disputar a posse da Taça Monte Estoril, principiou ás 9 horas da manhã e durou até ás 6 horas da tarde, apenas com o intervalo de hora e meia.

Os esgrimistas fizeram bellos assaltos de efeito, que despertaram entusiasmo na assistência que acompanhou com muito interesse todos os combates, devendo notar-se a animação das senhoras que occupavam as cadeiras da primeira fila, dispostas no recinto reservado.

O entusiasmo foi crescendo á maneira que os esgrimistas iam fazendo novos assaltos, sendo muito vitoriosos, principalmente nos ultimos combates.

Depois das *poules* de desempate, passou-se á classificação final, sendo o primeiro premio, Taça, conferido ao sr. Frederico Paredes; segundo classificado o sr. Alexandre Paredes; terceiro o sr. Basto Correia; quarto o sr. Mario de Noronha; quinto o sr. Camillo Castello Branco; sexto o sr. Penha e Costa; sétimo o sr. Sasseti; e oitavo o sr. Espregueira.

Quatro dias depois deste torneio em que tanto se distinguiram os dois irmãos, Alexandre e Frederico Paredes deu-se uma grande desgraça que fulminou uma familia e não menos conternou todos os seus amigos.

Foi o caso de que, no dia 30, estando esses dois irmãos no Centro Nacional de Esgrima, exercitando-se no jogo da espada, em que eram eximios, aconteceu a espada do sr. Frederico Paredes desmoldar-se na occasião em que tocava o seu irmão Alexandre, ferindo-o no mamilo direito.

Conduzido immediatamente o sr. Alexandre Paredes a casa num trem, ali lhe foram prestados os primeiros socorros por seu pae, o sr. dr. Antonio Augusto de Campos Paredes, mas a breve trecho sobreveiu febre violenta ao ferido, e á qual foi inutil'opór todos os recursos da ciencia, chegando a fazer-se naquellas poucas horas uma conferencia de medicos.

Com o mal do ferido cresceu a afflicção da familia e de todos que o rodeavam, e viam emminente um desenlace fatal.

Infelizmente esse desenlace chegou pelas 2 horas da noite aniquilando a existencia de um homem, poucas horas antes cheio de vida e de esperanças bem fundadas num futuro auspicioso.

Quem puder que calcule a enorme dor que uma tão grande e subita desgraça terá alanceado os paes e irmãos d'aquelle infeliz moço, porque a pena nega-se a descrevela.

O sr. Alexandre Paredes, um dos mais distintos esgrimistas, discipulo do velho professor de armas Antonio Martins, era filho do conhecido medico sr. dr. Campos Paredes, e contava apenas 23 annos de idade. Foi um excelente estudante, e tinha o posto de alferes no regimento de caçadores 5, tendo concluido este anno o tirocinio para este posto na Escola Pratica de Infantaria.

Ha seis annos que jogava as armas, sendo considerado entre os seus colegas como um esgrimista de incontestavel valor, e premiado em varios torneios em que tomou parte.

Casa moldada de Edison

Os terramotos de Italia e do Ribatejo deram causa a varias discussões sobre o melhor sistema a adotar na construção de casas para melhor resistirem aos abalos cismicos.

Na Italia tem este assunto preocupado os cientistas da construção, e não pouco o governo so-

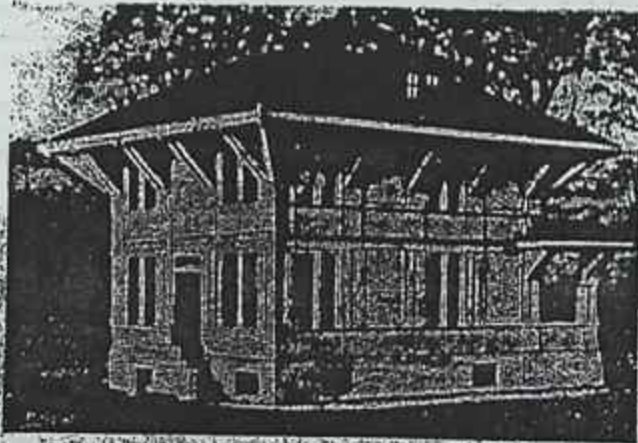
bre a conveniencia de reconstruir as cidades arazadas pelo terramoto, no fim do anno passado. Em Portugal tambem se tem tratado do mesmo assunto com referencia ás edificações a fazer nas terras do Ribatejo, onde os abalos cismicos ainda não cessaram completamente.

Nesta revista tambem se tratou de qual seria o melhor sistema de construção para edificar as povoações do Ribatejo (1), dando-se preferencia ao cimento armado sob o esqueleto de madeira, ferro ou aço, etc., apontando-se a conveniencia das casas floarem isoladas do solo, assentes em caboucos cheios de areia, etc.

Mas as discussões e experiencias continuam e vem agora a lume a *Casa moldada de Edison*, invenção do grande electricista, a que a imprensa americana se referiu em tempos, e que se pensou ser uma das muitas petas de exportação da mesma imprensa.

Entretanto aparece num dos ultimos numeros da *Le Batiment* uma estampa dessa casa, que reproduzimos, assim como extratamos o artigo que a acompanha:

«A *Casa moldada de Edison* foi até agora considerada como uma fantasia praticamente irrealizavel. Em geral, duvidava-se de que o cimento



A CASA MOLDADA DE EDISON

fosse bastante fluido para vazár-se com igualdade por todos os escaninhos de moldes, que por força haviam de ser complicados. Tambem havia quem se indignasse pensando em ver as cidades cheias de casas identicas umas ás outras.

Parece que Edison previu todas as objecções. Compoz um formigão que correrá facilmente nos moldes, garantindo uma distribuição igual das materias aglomeradas.

Demais, numa mesma serie de moldes tornam-se possiveis as mudanças de forma.

Os moldes são de ferro fundido com cerca de 2,5 centímetros de espessura e compostos de diferentes peças que devem ligar-se antes de vazár o formigão.

Edison pensou primeiramente na construção de uma casa para duas familias, mas depois entendeu preferivel o tipo da casa para uma só familia aqui reproduzido. Julga que póde construir-se esta casa por 6.000 francos (ao par 1.080.000 réis) se se comprarem os materiaes em grande quantidade. A casa mede 9^m,15 por 7^m,65, não compreendendo os porticos que avançam 2^m,45 um de elles e 1 metro o outro.

Andar terreo encerra uma sala de jantar, salão e uma cosinha. O primeiro andar contém dois quartos de dormir, um vasto hall e casa de banho. Nas aguas furtadas ha dois quartos de dormir. Por debaixo da casa toda fica uma cave.

A peça principal assim como o exterior da casa pódem ser ricamente ornamentados, porque os ornatos fazem parte dos moldes.

Precisa-se de uns quatro dias para a montagem dos moldes; seguidamente ao que se collocam todos os tubos de agua, de gaz, de aquecimento, etc. Bastam seis horas para vazár o beton liquido e passados quatro a seis dias está feita a preza completa do formigão. Póde portanto acabar-se a casa em poucos dias.

O fabrico do beton faz-se em aparelhos de enormes dimensões. Passa-se a massa para vastos depositos, de onde se leva para um reservatorio de distribuição collocado na parte superior dos moldes. Por meio de tubos numerosos leva-se o liquido até diversas aberturas no tecto, por onde

se esgota para ir encher todo o interior do molde até transbordar por cima do telhado. Durante a vazão meche-se sem cessar o liquido.

A mais notavel particularidade da invenção é a composição desta mistura que, embora liquida como a agua, nem por isso deixa de ser um verdadeiro beton.

Durante as experiencias que demoraram cerca de oito annos, colaboraram com Edison os srs. George E. Small, de Philadelphia e Henry J. Hormes.

Le Bâtiment põe de quarentena a maravilhosa invenção, que a tornar-se pratica seria de grande vantagem, resolvendo até certo ponto o problema de construções resistentes a terramotos, o que já não era pouco.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1106)

No fim de contas a historia era bem clara. O pae, naufragara e morrera afogado n'aquelle recife que parecia um peixe-espada. O criado salvára as pequenas e o seu natural ingenho havia feito o resto.

Ninguém se mettia com elle e era verdade: para mim, os piratas do valle, talvez julgassem que elle e as pequenas, eram apenas uns phantasmas. Disse porém que a historia era bem clara, mas não era tal. Havia uma coisa que eu não comprehendia.

Clair-de-Lune falara n'uma casa debaixo do mar?!

Que significava aquillo? Como se tinha edificado uma casa submarina?

Não o podia conceber.

Teria feito algumas perguntas sobre o caso para me orientar, se a refeição não estivesse prompta já, e os meus companheiros, com uma fome devoratoria, não se mostrassem impacientes por começar o almoço. Assim que nos sentámos, appareceu logo um cabrito assado, pão, fructas e café, porque vinho não havia, nem mesmo um copo de cerveja. Tinha que reservar a curiosidade para outra occasião.

E' verdade que houve um momento em que a joven chamada Rosamunda veio sentar-se a meu lado e quiz conversar commigo, mas apesar de dizer coisas lindas na nossa lingua, o numero de palavras era tão limitado, que não podiam formar uma conversação seguida.

— Então, gosta da ilha, gosta de viver aqui — lhe perguntei.

Respondeu-me movendo com a eabecita em ar de duvida:

— Nos mezes de sol, sim, gosto; mas na época do somno, não. Vae-se embora antes d'essa época, não é verdade, monsieur?

— Faço essa tenção — repliquei — isso depende de Mr. Jacob e da chegada do barco. Mas, suppondo que não me posso ir embora! Que succederá? O que tenho eu com a época do somno?

— Não deveis ficar aqui. — Para nós, a questão é outra, vamos viver para a casa submarina, mas os estrangeiros não podem ali entrar. Na ilha tudo adormece. Se não fór para a casa submarina... ah!... monsieur! Mas... com certeza partis!... não é verdade? ... Partis no vosso barco!

Apesar das explicações fiquei sem saber o que significava a tal casa submarina, e o que queria dizer a época do somno.

Para ali estávamos alojados, e n'aquelle momento pareceu-me ser a ilha a melhor de todas as ilhas do Pacifico, apesar d'esta gente

(1) Vide OCCIDENTE, n.º 1093, pag. 98 d'este anno.

não me falar senão de mezes de sol, época de somno e de outras coisas que pareciam tiradas de livros phantásticos.

— Época de somno ou mezes de sol, espero partir antes que elles cheguem — repeti eu á minha bella companheira. — E se o não puder fazer, teremos que aguentar o que venha, como sem duvida fazem as mais pessoas que vivem na ilha. Madame Czerny, por exemplo. E' verdade!... Conhece Madame Czerny?

Enclinou a cabeça e affirmou que sim.

— Conhecemos muito bem, madame Czerny é a esposa do nosso amo. Creio que ella não é feliz, senhor capitão. Nos mezes de sol ainda a posso vêr, mas na época do somno, vive na casa debaixo do mar, e não é permittido a gente approximar-se-lhe. O senhor é talvez seu amigo, não é verdade? Então deve saber quanto ella é desgraçada.

De mais o sabia, mas quiz levar a conversação para deante, e continuei:

— Desgraçada!?... Ora essa!... E porquê.

Fiz esta pergunta com a maior naturalidade, como se me houvesse surpreendido a affirmação de Rosamunda, não era porém muito facil enganar a ladina rapariga, que me retorquiu:

— Então se não é desgraçada ou infeliz, que para mim é o mesmo, porque é que o capitão veiu aqui? Veiu para a soccorrer, bem sei. O senhor é que se está fazendo de novas!

— Talvez seja assim, e se o sei ou não, mais tarde l'ho direi. Agora o que desejava saber, era alguma coisa d'esse a que chamam aqui o *amo*. Que classe de homem é, e onde se encontra n'este momento? Tenho a certeza que se me puder dizer bem d'elle, o dirá, não é verdade?

Rosamunda olhou-me com os seus grandes olhos, cheio de expressão interrogadora, como não comprehendendo o que eu dizia.

— O senhor está brincando commigo? — respondeu por fim. — Monsieur Czerny foi ao outro mundo. Foi no seu barco. Que poderemos dizer d'elle? Que é bondoso e cruel, que o amamos e detestamos? Toda a gente sabe isto, toda a gente terá dito isto mesmo ao senhor. Elle aqui é o rei e nós os vassallos, temos que obedecer-lhe. Quando voltar, ha de exigir obediencia tambem do senhor, e o senhor terá de dizer que sim. Isso deve occorrer na época do somno, isto é, dentro de oito, nove ou dez dias. Mas porque me pergunta isso? Não foi o que lhe disse madame Czerny? Não é o senhor seu confidente? Ou está mangando commigo? A gente do mar gosta muito de se divertir á custa dos inexperientes e o capitão não faz excepção á regra...

Baixou os olhos envergonhada, e palavra de honra!... Nunca vi rosto mais coquette nem mais bonito do que ella apresentava n'este momento.

Estas poucas palavras foram o sufficiente para produzirem no meu cerebro uma alluvião de duvidas.

O senhor estava fóra. Na ilha não o podiam vêr mas ao mesmo tempo temiam-n'o. A época do somno começaria d'aquí a dez dias. Tinhamos portanto de voltar para bordo o mais breve possivel, pois de contrario acontecer-nos-ia algum desastre. As infelicidades de Ruth eram conhecidas até por estas pequenas, e ellas suspeitavam, como as demais pessoas, que tinhamos vindo com o fim de a soccorrer.

Além d'isso, segundo me parecia, os homens da ilha não deixariam de dar-nos caça de dia e de noite, até nos apanhar. Daquí não havia que sair.

Tinhamos acabado já o nosso almoço, quando ouvimos um tiro de peça lá ao longe, para os lados do valle.

Clair-de-Lune deu um pulo e nós fizemos outro tanto, interrogando-nos uns aos outros, o que representaria aquelle aviso de perigo.

— Olá!... Salvas logo de manhã!?... Que idéa a d'esta gente começar aos tiros assim que nasce o sol — disse Peter Bligh.

— E' que começam a dar-te caça. São capazes de te tomar por um coelho!... Bem pôdes vêr-se te apresentas a agradecer-lhe!...

Puxou as calças que lhe estavam escorrogando pela barriga abaixo, tirou uma fumaça do cachimbo, e disse:

— Se é preciso correr, vae a coisa torta!... Já estou velho para andarilho e sou fraco de canelas.

Outro tiro disparado do lado do mar, cortou a conversação.

Clair-de-Lune, seguiu a escada indicando que subissemos, enquanto voltando-se para as suas pupilas, lhe dizia:

— *Allez-vous-en.*

Tinha desaparecido n'um instante a tranquillidade passageira que gosavamos.

Nem respondi a Dolly Venn quando me perguntou se haveria perigo, e seguindo atraz do velho francez, ajudei-o a levar a escada que tirámos do poço, pois julgámos que nos fosse necessaria.

— Que quer dizer isto, Clair-de-Lune? Porque fizeram dois tiros de peça. — perguntei enquanto subiamos a montanha.

— Porque o amo já voltou... o amo chegou... grande perigo, capitão, grande perigo!...

(*Continúa.*)

RICARDO DE SOUZA.

NECROLOGIA

José Norberto da Silva Pinto

Bons foram os tempos em que conheci o sr. José Norberto da Silva Pinto. Era elle um rapaz e de velho não morreu.

Havia então entusiasmo pelos principios sociaes e fundavam-se associações de classe e de socorro



JOSÉ NORBERTO DA SILVA PINTO

mutuo. Nós davamos o nosso contingente e Silva Pinto não se escusava trabalhando com vontade na fundação de associações, tomando parte nas suas assembleias geraes e aceitando cargos de direcção, para os quaes era confiadamente eleito

por seus consocios, e de que sempre se desempenhou com o zelo e honradez, que caracterisou toda a sua vida.

Principiou sua carreira comercial como muitos a encetam, de um simples caixeiro, mas aquellas qualidades, que acima apontámos, depressa lhe valeram a estima da classe e lhe grangearam creditos para se estabelecer e prosperar, vindo a ser socio fundador da firma Silva, Beirão, Pinto & C., hoje uma das casas bancarias mais respeitaveis da praça de Lisboa.

Homem de principios sãos, inutil será dizer que tanto na sua vida publica como na particular foi exemplo de virtudes, que todos os accidentes de sua trabalhosa existencia não perturbaram, sendo bom filho, bom marido e bom pae, como sua propria familia o atesta.

Coração generoso e bom, como foi para os seus era-o para os amigos, e isto se confirma no dorido e numeroso acompanhamento que o levou até á ultima morada, ao qual concorreram pessoas de todas as classes e especialmente da comercial e financeira.

O sr. José Norberto da Silva Pinto era natural de Lisboa e contava 57 annos de idade. Faleceu no dia 15 de setembro em resultado de uma congestão que o acometeu pelas 10 horas da manhã. Deixou viuva a sr.^a D. Isabel Costa da Silva Pinto, com quatro filhos, a sr.^a D. Emilia da Silva Pinto e Sousa, casada com o sr. Ernesto Rafael dos Santos e Sousa, e os srs. Severino Jayme, José Augusto e Alvaro da Silva Pinto, todos empregados na casa bancaria Silva, Beirão, Pinto & C.

Deviamos esta singela homenagem á memoria do falecido, com a amisade do qual muito nos honravamos.

Caminhos de ferro portuguezes

O ramal de Montemor-o-Novo

A villa de Montemor-o-Novo, uma das mais ricas da provincia do Alemtejo pela sua agricultura e commercio, situada no coração da provincia, por onde se estendem vastos montados de sobreiros e azinheiras que produzem a cortiça e dão pasto ao gado suino, maior fonte de riqueza da sua exportação, faltava-lhe um meio de mais facilmente se expandir, não obstante ha muitos annos o caminho de ferro lhe passar nas cercanias e ter uma estação denominada de Montemor-o-Novo.

Essa estação porém distava da villa uns 15 kilometros, por uma estrada acidentada de altos e baixos, tornando dificeis e demorados os transportes de mercadorias, além de dispendiosos, e pondo em condições de inferioridade a sua concorrência aos grandes mercados.

Lutou muito tempo o povo de Montemor-o-Novo com estas difficuldades, como acontece a outras povoações, embora servidas por caminhos de ferro, mas tambem com as estações a grandes distancias. Lutou até que, por sua louvavel iniciativa, resolveu a difficuldade, construindo um ramal até á villa, com capitaes que conseguiu reunir.

A inauguração desse ramal realisou-se no dia 2 de setembro, com bem justificado orgulho e entusiasmo dos montemorenses, para quem aquelle dia foi de festa, como talvez não haja memoria de outro igual em Montemor-o-Novo.

A nova linha é assaz pitoresca atravessando ora paisagens alegres, coloridas, ora montados ensombrados pelos sobreiros e azinheiras, até entrar no valle, que o comboio transpõe por sobre a ponte que atravessa o Almansor.

E' esta a principal obra de arte da linha, erguida a 33 metros acima do valle, numa extensão de 106 metros.

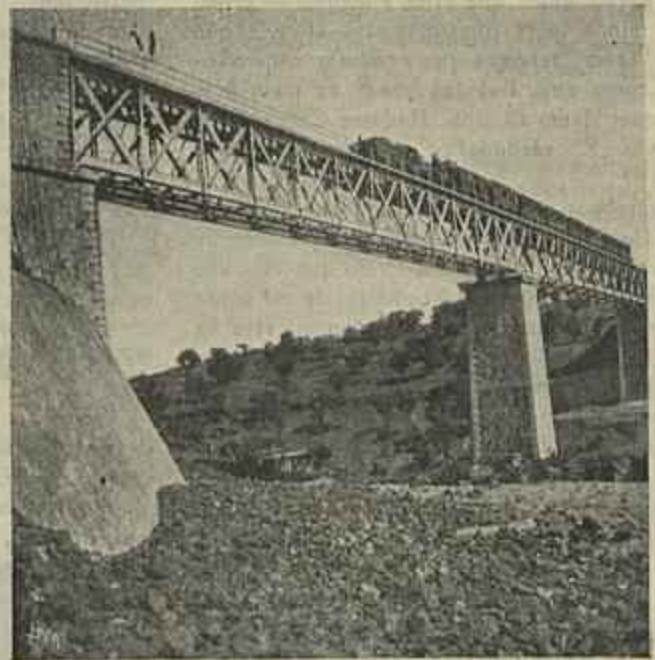
Está pois directamente ligada com a principal linha ferrea do Alemtejo, a antiga e gloriosa villa de Montemor-o-Novo, e entrada numa nova fase a sua industria agricola e commercio, que poderá agora expandir-se e multiplicar sua riqueza.

A iniciativa dos montemorenses é digna de ser imitada por outros povos que se encontram nas mesmas condições, aquelles para quem o caminho de ferro mal modificou as sua actividade, pela mesma razão das estações distarem dezenas de kilometros dos povoados, e não poucas existem na mesma provincia, por má orientação nos estudos da linha, ou por interesses mal justificados de politicos...

Caminhos de Ferro Portuguezes.



ESTAÇÃO



PONTE SOBRE O ALMANSOR

O NOVO RAMAL DO CAMINHO DE FERRO DE MONTEMOR-O-NOVO

Atelier de Alfaiate—A. COUTO

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



RUA DO LORETO

com entrada pela Rua da Emenda, 418; 4.º (à Praça Luiz de Camões)—LISBOA
TELEPHONE 1815

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras
e crianças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos,
baptizados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e
negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando
Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA—Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os
organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Autorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as commodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)